

MARINHEIRO DA FAMOSA FOTO DO BEIJO NA ENFERMEIRA,
NA VITÓRIA ALIADA DE 1945, MORRE AOS 95 ANOS

José Raimundo Gomes da Cruz
Procurador de Justiça de São Paulo aposentado

A Folha de S. Paulo, em 19/2/19, noticiou: “Marinheiro da célebre foto do beijo morre aos 95 anos”. Mais adiante: “O marinheiro que beija uma enfermeira na Times Square, em Nova York, enquanto as pessoas comemoravam o fim da Segunda Guerra Mundial, morreu no domingo (17) aos 95 anos.”

A Folha acrescenta a causa da morte de George Mendonsa: derrame sofrido após queda no asilo que o abrigava, em Middleton, Estado de Rhode Island, nos EUA.

O autor da famosíssima e premiadíssima foto foi Alfred Eisenstadt, para a revista Life. Na ocasião, o marujo achava-se de férias na Marinha dos EUA. Segundo o Google, ele era de origem lusa.

Durante muito tempo, o casal fortuito da foto não foi identificado. Isso só ocorreria recentemente, “com o uso da tecnologia de reconhecimento facial”. Greta Zimmer Friedman, mulher da foto, “morreu em 2016, aos 93 anos”.

Vi em jornal da época a foto, em Espinosa, MG, minha terra, ainda em agosto de 1945. Ao longo dos anos, por alguma premiação ou pelo aparecimento de alguém dizendo ser o marinheiro ou a enfermeira da foto, voltei a rever a imagem da dupla. Uma cópia se acha na parede da minha sala, depois que escrevi, em 1998, em Times Square, meu poema pelo qual recebi dois prêmios do Club Athletico Paulistano (em 1998 e 2000).

Além das divulgações relativas às duas premiações do Paulistano (livro do III Concurso de Contos e Poesias – Club Athletico Paulistano, 1998), a foto famosa foi por mim lembrada nas crônicas ‘NEW YORK, NEW YORK: 1981, 2001’, divulgada pela APMP, em 19/5/17; “Estátua do Beijo de Times Square em San Diego” – 23/5/16 e, em 1/7/15, “Times Square, Anos 40”.

Em agosto de 2005, o Jornal da Tarde noticiou a inauguração, sessenta anos depois do famoso beijo do marujo na enfermeira, na euforia da vitória aliada sobre o nazi-fascismo, de estátua da cena, antes conhecida só pela fotografia em preto-e-branco premiadíssima. Com viagem marcada ao Canadá e Califórnia, parando alguns dias antes em New York, fiquei ainda mais contente por ter reservado hotel pertinho de Times Square.

Chegando lá em 7/9/05, com a Maria Lúcia, deixamos a bagagem no hotel e corremos para o beijo, quer dizer, a estátua do beijo do marujo na enfermeira. Nada. Percorremos o local várias vezes. Observei a superposição de denominações, no cruzamento da 46 Street, com a 7ª Avenida ou Broadway, naquele local, onde a 46 St. recebe a denominação de Little Brazil. Pois ali existe um pequeno ângulo com o nome de Father Duffy Square e a denominação de Actor’s Square. Há ali a estátua do Father

Duffy e, mais perto da 46 St., a estátua de George M. Cohan. Fora disso, a multidão, os outdoors e os luminosos frenéticos.

Já tínhamos reservas para duas peças de teatro e fizemos mais uma para o Blue Note, com John Scofield e outros *cobras* cantando Ray Charles. Fomos ver a exposição russa do Guggenheim, fomos a Wall Street e entramos, pela primeira vez, no prédio da ONU, combinando quase sempre metrô com caminhadas a pé. Perguntamos no hotel e a alguns transeuntes pela estátua. Em vão. Passamos mais de uma vez diante da sede do NEW YORK TIMES: 229, West 43rd Street, N. Y. N. Y. 10036-3959. Convém observar que Times Square é homenagem ao grande jornal dos EUA. Seria a última tentativa de obter informação sobre a estátua do beijo.

Resolvemos, antes, perguntar na agência de Tourist Information de Times Square.

– Vocês não imaginam como tem vindo gente perguntar sobre isso. Inaugurada em agosto, a estátua do beijo permaneceu alguns dias, mas foi retirada de Times Square e ninguém sabe informar com certeza a respeito.

Seguimos em nossa viagem pelo Canadá, duas semanas em Montréal, Sherbrooke, lagos próximos, Auberge Hatley, Montréal, Charlevoix, foz do Rio Saint Laurent, passeio de barco para observar as baleias (a frase: *então é isso que as pessoas fazem nas férias?* – variante da frase da Diane Keaton no filme *Alguém tem que ceder*, após ceder ao assédio do não menos coroa Jack Nickolson: *Então é isso que as pessoas fazem nas tardes chuvosas?*), Québec e Montréal com o Márcio e a Gabi. Depois, a Califórnia: San Francisco, San José, Santa Clara, Mountainview, Milpitas, Monterey, Los Gatos, Palo Alto, San José e San Francisco, com a Giovanna, o Giuliano, a Patrícia, a Terezinha Bove e o meu filho Rafael.

Enfim, a tentativa através do NEW YORK TIMES. Afinal, a foto batida por Eisenstaedt me perseguiu desde Espinosa, anos 40. Na penúltima vinda a N. York, acabei escrevendo o poema, premiado e publicado, *Times Square, anos 40*. Não se trata de um beijo qualquer, nem de uma foto qualquer, logo, de uma estátua qualquer. De modo algum esta pode ser retirada do seu lugar, do lugar do momento e da foto, símbolo da comemoração da vitória da Democracia, para outro lugar qualquer.

Mais recentemente, meu filho Cristiano, em viagem à Califórnia, nos EE. UU., encontrou, em San Diego, estátua de seis metros de altura, com a cena do beijo de Times Square, 1945, da qual ele me remeteu cartão postal.